

BROCA DO CAFÉ

J. Bergamin

do Instituto Biológico S. Paulo

*(Resumo da palestra proferida na Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz", no dia 26-10-45, sôbre a "Broca do Café").*

A "broca do café" está, "oficialmente", nas lavouras paulistas, desde 1924. Indícios seguros indicam, porém, que sua introdução se deu mais ou menos em 1913, por meio de partidas de sementes vindas do Congo Belga e de Java. Sua distribuição geográfica no Brasil já abrange enorme área: norte do Paraná, todo o Est. de S. Paulo, as regiões sul e sudoeste de Minas Gerais, tôda região cafeeira do Rio de Janeiro, sul do Espírito Santo e vale do Rio Doce, nesse Estado (Baixo Gandú e Colatina).

O potencial biótico da broca é bastante elevado, mostrando-se ela muito resistente. Vive em média 156 dias, sendo a longevidade mínima observada de 81 e a máxima de 282 dias. O total médio das posturas atinge 74 ovos; o total mínimo 31 e o máximo obtido foi de 119 ovos. Produz 7 gerações num ano. De Janeiro a Maio-Junho, evoluem de 4 a 5 gerações na lavoura. A proporção sexual verificada foi de 1 macho para 10 fêmeas.

De modo geral, a floração do cafeeiro é regular e a maturação dos frutos é mais ou menos uniforme para grande área

cafeeira do Estado. Finda a colheita a broca passa a viver nos frutos remanescentes que escaparam á mesma, ou nos frutos temporões, que aparecem em Agosto e Setembro já bem granados ou maduros, em cêrca de metade dos cafezais paulistas. Não existe para a broca outro hospedeiro que não seja o café. Essa especificidade, até certo ponto, garante pleno êxito quando se queira empreender com resolução o contrôle á praga. Dela foi que nasceu a idéia do "repasso", processo usado em Java e aqui introduzido com algumas modificações para atender á natureza diferente de nossos cafezais quanto ás florações.

O repasse é a operação que tem por finalidade retirar os frutos que escapam á colheita normal. É medida de limpeza, pois com sua aplicação eliminamos da lavoura tóda ou grande parte das possibilidades da broca abrigar-se ou reproduzir-se no período de "entre-safras". Os resultados obtidos experimentalmente e analisados estatisticamente, atestam pleno sucesso do repasse completo, isto é ,praticado nos cafeeiros, entre os troncos, nos ninhos e no chão. Praticado parcialmente, só nos cafeeiros ou só no chão, dá resultados também parciais e muito piores do que os obtidos pelo repasse completo.

O expurgo era praticado em larga escala. Êle é, entretanto, dispensável, principalmente se o repasse é levado a sério, pois esta medida não permite a permanência da broca na lavoura.

A catação profilática é também obsoleta quando o repasse constitui a medida principal de contrôle. Não havendo focos de permanência e de reprodução, pois foram destruídos pelo repasse, não haverá necessidade de catações profiláticas. Ou, o que é comum verificar-se, aquêles focos existem e a catação é inútil.

A vespa de Uganda, ao ser introduzida pelo Instituto Biológico, trouxe grande esperança quanto á possibilidade de ser controlada a praga. Decorrente da situação econômica em que

ficou a produção cafeeira depois de 1930, houve abandono completo das medidas de combate, pois o valor do produto não suportava as despesas de repasse, expurgo, etc. A vespa foi lançada tôda a responsabilidade do contrôle, esperando-se deia o milagre de sustar a marcha da broca para os mares verdes do oeste paulista. Nada se sabia de suas necessidades em nosso meio. Não eram conhecidas as condições indispensáveis à sua aclimação. A broca avançou e dominou quase todo o Estado. A vespa foi distribuída, estabelecendo-se apenas nas regiões que lhe são favoráveis e que formam a faixa do Estado compreendida entre os paralelos 22°30' e 24° de latitude sul. A redução de broca verificada na extremidade leste dessa faixa, principalmente em Caçapava e na zona de Bragança, parece ter sido causada pelo grande desenvolvimento da vespa. É que essas zonas, em virtude de condições climáticas especiais, produzem "temporões" sôbre os quais a broca se reproduz durante o longo período compreendido entre duas safras. A vespa conta por êsse motivo com abundância de larvas e pupas da praga, sôbre as quais pode efetuar posturas, desenvolver-se e formar densa população. Ao contrário disso, o noroeste paulista, por ser sêco o clima, não produz temporões. A broca, por viver em média cinco meses em estágio adulto, transpõe o período sêco não o fazendo a vespa, por ter longevidade média de cêrca de 2 meses. Só a criação artificial em laboratório, ou, talvez, a formação de pequenos cafezais de "semper-florens" e "robusta" poderão garantir algum êxito ao contrôle biológico pela vespa de Uganda nessa região.

O sombreamento dos cafezais, medida amplamente recomendada para o reerguimento da lavoura, apresenta vantagens tais como : elimina os extremos de temperatura, assegura a estabilidade da produção, mantém elevada a umidade relativa, evita os ventos frios, forra o solo com espessa camada

de matéria orgânica, impede a incidência direta dos raios solares prejudiciais etc.. Esses fatores e outros que devem existir, constituem meio propício ao desenvolvimento da broca facto que nos levou a estudá-la nesse ambiente.

Não obstante a crença de muitos de que a broca não oferece perigo algum à prática do sombreamento, a nossa opinião é a de que ela irá desenvolver-se de maneira desastrosa em cafezais sombreados. As observações até agora feitas e os dados até agora obtidos, ainda que julgados falsos, e injustos os conceitos por êles ditados, são a melhor prova da nossa convicção. Apesar da alcunha de inimigo do sombreamento, alcunha que em nada altera nossa opinião e nem faz com que assim nos julguemos realmente, continuaremos a dedicar nossa atenção para êsse problema, pesquisando a vida da broca e os meios de combatê-la na nova condição.

As advertências que fazemos não combatem o sombreamento. Ao contrário, elas são, de qualquer maneira, parte de nossa contribuição para a solução dêsse importante problema. Advertir não é condenar, principalmente quando se toca na existência de um grave perigo.